

# Experiência Revolucionária em Angicos e Natal: — POVO APRENDE A LER DEBATENDO PROBLEMAS!

— Acabo de regressar de Angicos, onde estive por uma semana. O que vimos ali é quase indescritível. Com apenas duas aulas, mais de 70% dos alunos criavam palavras, começavam a ler e a construir frases inteiras. Mais ainda: debatiam os problemas locais e nacionais.

— Isto foi o que declarou a «UH-Cristianismo» o prof. Paulo Freire, numa entrevista dedicada à maior repercussão. Pela sua importância, vamos divulgá-la a seguir, na íntegra, com as perguntas e respostas:

1. Há alguma ligação entre o senhor, o Serviço de Extensão Cultural da UR e a Aliança para o Progresso?

— NÃO! A mim e ao Serviço de Extensão Cultural da UR (SEC) pouco importa se o gov. Aluizio Alves e o prefeito de Natal, Djalma Maranhão, estão fabricando dinheiro ou se estão indo buscá-lo ao mar ou recebendo da Aliança para o Progresso. O que importa é a educação séria que se está fazendo, tanto em Angicos como em Natal, através de uma corajosa liderança universitária. Corajosa e independente, sem nenhuma vinculação com problemas político-partidários, ajudando o povo a libertar-se da exploração a que é submetido. Contudo, se você deseja saber o que penso da Aliança, reitero minhas afirmações anteriores, divulgadas inclusive nesta mesma coluna: oponho-me categoricamente a qualquer forma de assistencialismo, que em última análise implica na domesticação do povo. Assistencialismo que contradiz a vocação natural da pessoa — a de ser sujeito, e contradiz o processo de democratização do país.

2. E o que está sendo feito em Angicos (local da experiência piloto do Plano de Educação do Rio Grande do Norte)?

— «Um grupo de quinze (15) jovens universitários, preparado pela equipe do SEC, encontra-se hoje em Angicos, sertão do Rio Grande do Norte, dedicado inteiramente aos trabalhos de alfabetização e politização de mais de trezentas (300) pessoas. Essas trezentas pessoas, há apenas 15 (quinze) dias passados, eram completamente analfabetas.

Vivem esses rapazes e moças dias de estudo sério, em que discutem aspectos da realidade brasileira, fazem a avaliação do trabalho realizado e se preparam para o trabalho a realizar. Impresiona o espírito de equipe em

que se fundamenta o esforço daquela juventude, esforço extraordinário diante do qual renovamos a nossa crença neste país.

3. Como se desenvolve a experiência de alfabetização?

— Após o levantamento vocabular da área a ser atingida, a seleção de «vocabulos geradores», a criação de situações existenciais a serem reproduzidas e mostradas em fotografias e «slides», inicia-se o trabalho de alfabetização concomitantemente com o de politização. A primeira aula utiliza apenas ilustrações e tem como assunto o mundo da natureza e o mundo da cultura. É uma aula intensamente motivadora pela abertura que dá ao homem, fazendo-o consciente de sua qualidade de ser criador. Daí em diante, através das situações que são projetadas e discutidas, todas elas fornecendo vocabulos geradores, deflagra-se o processo de alfabetização.

4. Quais os resultados obtidos na experiência?

Acabo de regressar de Angicos, onde estive por uma semana em companhia da professora Aurenice Cardoso e do senhor Paulo Pacheco, secretário do SEC. O que vimos ali é quase indescritível. Com apenas nove (9) aulas mais de 70% dos alunos criavam palavras, começavam a ler e a construir frases inteiras. Mais ainda: debatiam — à medida que aprendiam a ler e escrever — os problemas locais e problemas nacionais, tidos por muita gente como assunto de debate exclusivo dos meios universitários.

A liderança universitária, que trabalha com absoluta autonomia, pretende, atendendo a sugestão nossa, motivar os trezentos e tantos homens e mulheres que participam da experiência para que criem uma associação sua — com auto-governo — que funcionará como forte grupo de pressão. Encontramos alunos que andam 36 quilômetros a cavalo, diária-

mente, a fim de aprender e debater os problemas que angustiam o seu povo. Ouvimos de muitos dos jovens universitários que «em 15 dias de contato com o povo amadureceram 15 anos». Ouvimos falar, emocionados, das coisas que vêm aprendendo com o povo, e sentimos a extraordinária fidelidade que mantem para com a causa popular.

Conhecemos um homem nascido no século passado, Manoel «Dez Cruzeiros» Moreno que caminha 2 quilômetros para aprender a ler e escrever «a fim de votar — diz ele — em quem merece». Assistimos a debates em um dos círculos instalados na cadeia pública; dois dos participantes, hoje cumprindo pena pretendem solicitar seu indulto em petição redigida e assinada por eles mesmos.

Assistimos, durante os debates de aula o grupo de alunos rejeitar uma «posição de massa» e reivindicar a atitude decisória de povo. Surpreendemos em todos os círculos a consciência bem nítida de que a arregimentação e organização do povo é o caminho que levará à solução dos grandes problemas nacionais. Por isso falam já em unir-se, em associar-se na defesa de seus direitos, raramente reconhecidos e quase nunca respeitados.

5. A experiência limita-se a Angicos?

NÃO. Em Natal o prefeito Djalma Maranhão pretende lançar 100 Círculos de Cultura, utilizando o mesmo método. No momento, 4 já estão funcionando. A experiência original começou realmente aqui, no MCP. No momento um grupo de estudantes da Escola de Química, preparados pelo SEC, alfabetiza uma classe de vinte alunos. A UEP, sob a orientação do SEC, lançará nestes quinze (15) dias vinte Círculos de Cultura, havendo os seus coordenadores recebido o treinamento idêntico ao da equipe de Angicos. Por outro lado um grupo de universitários de João Pessoa, que dirige a Campanha de Educação Popular (CEPLAR), e que já alfabetizou uma primeira classe de quinze alunos, prepara-se para lançar, na Paraíba, vinte Círculos de Cultura que alcançarão 400 (quatrocentos) analfabetos.

ÚLTIMA HORA  
17.2.63